



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A paisagem do Plano Piloto de Brasília em suas escalas

The landscape of Brasília: urban scales

La paisaje de las escalas del Plan Piloto

AZEVÊDO, Gabriela (1);

NEVES, Carolina (2);

LIRA, Flaviana (3)

(1) Arquiteta e Urbanista, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, CECI, Recife, PE, Brasil; email: azvdo.gabi@gmail.com

(2) Arquiteta e Urbanista, Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, CECI, Recife, PE, Brasil; email: carolinamfn@gmail.com

(3) Professora Doutora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, UNB, Brasília, DF, Brasil; email: flavianalira@hotmail.com

A paisagem do Plano Piloto de Brasília em suas escalas

The landscape of Brasília: urban scales

La paisaje de las escalas del Plan Piloto

RESUMO

Este trabalho compreende que Brasília nasceu como paisagem. Ou melhor, paisagens articuladas. Ao analisar as relações espaciais nas quatro escalas identificam-se dinâmicas urbanas e paisagens específicas, responsáveis pela configuração sócio espacial da cidade. A partir do conceito de paisagem cultural, este trabalho analisa os aspectos materiais e o caráter subjetivo das escalas do Plano Piloto. Para tanto, o artigo está estruturado em duas partes. Na primeira é abordada a concepção projetual de Lucio Costa para cada escala, apresentadas no Projeto do Plano Piloto (1957) e no Brasília Revisitada (1987). São analisadas também as configurações morfológicas e as características espaciais das quatro escalas. Na segunda são analisadas as relações entre os aspectos fundamentais de cada escala – como cheios e vazios, uso e ocupação do solo, e forma de implantação – e as características tangíveis e intangíveis de suas paisagens. A importância deste estudo está em compreender Brasília como cidade que foi pensada a partir de suas dinâmicas urbanas e paisagens, e assim, alçar a discussão a respeito dos parâmetros e instrumentos de conservação da paisagem cultural como patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE: Brasília, paisagem cultural, escalas urbanas

ABSTRACT

This paper understands that Brasilia was born as landscape. Or rather, articulated landscapes. Analyzing the spatial relationships in the four scales, it is possible to identify specific urban dynamic responsible for the socio-spatial configuration of the city. From the concept of cultural landscape, this work focuses on the analysis of the material aspects and the subjective nature of the scales of the Pilot Plan. Thus, the paper is structured in two parts. The first part is addressed to projetual design of Lucio Costa for each scale. The second part analyzes the relation between the fundamental aspects of each scale and the tangible and intangible characteristics of its landscapes. The importance of this study is to try to understand the Plano Piloto of Brasilia as a city that was designed from its urban dynamic and landscapes, and thus raise the discussion on the parameters and instruments for the conservation of the cultural landscape as heritage.

KEY-WORDS: Brasilia, cultural landscape, urban scales

RESUMEN

En este trabajo se entiende que Brasilia nació como paisaje. O más bien, paisajes articulados. Mediante el análisis de las relaciones espaciales en las cuatro escalas se identifican paisajes urbanos dinámicos responsables de la configuración socio-espacial de la ciudad. Este trabajo se centra en el análisis de los aspectos materiales y la naturaleza subjetiva de las escalas del Plan Piloto. Así, el trabajo se estructura en dos partes. La primera parte está dirigida al diseño projetual de Lucio Costa para cada escala. También se analizan configuraciones morfológicas y las características espaciales de las cuatro escalas. La segunda parte analiza las relaciones entre los aspectos fundamentales de cada una y las características tangibles e intangibles de sus paisajes. La importancia de este estudio es entender el Plan Piloto de Brasilia como una ciudad que fue diseñado desde sus paisajes urbanos y dinámicos, y por lo tanto elevar la discusión sobre los parámetros e instrumentos para la conservación del paisaje cultural como patrimonio.

PALABRAS-CLAVE: Brasilia, paisaje cultural, la escala urbana

1 INTRODUÇÃO

Com uma planta geral de traços simples e croquis pouco elaborados, Lucio Costa apresentou sua proposta de plano para a nova capital do país, estruturada a partir da adoção de dois eixos cruzados, que pareciam reafirmar a tomada de posse da área. Além do projeto de uma nova cidade, o Plano Piloto é a construção de um novo espírito de viver.

Protegido em três distintos níveis¹, as normas de preservação do conjunto urbanístico de Brasília estão baseadas nas características fundamentais das quatro escalas urbanas (monumental, residencial, gregária e bucólica). Porém, percebeu-se que muitas dessas características são processos patrimoniais, e não objetos. Mais do que nos aspectos materiais, parte considerável das características fundamentais do Plano Piloto está nas dinâmicas urbanas, ou seja, nas relações interpessoais e nas relações entre as pessoas e o espaço construído.

Estas dinâmicas urbanas trazem em seu bojo, o conceito de paisagem cultural, no qual o foco é o processo de interação do homem com o meio natural. A paisagem cultural está relacionada com os cenários resultantes da modificação do meio ambiente pelo homem, expressos através da composição do espaço natural com o espaço construído.

A paisagem cultural resulta, assim, das formas geradas na construção do habitat e são confeccionadas pela ação da cultura de cada sociedade sobre a paisagem natural. Nas palavras de Sauer (*apud* ROSENDAHL E CORRÊA, 1998, p. 9), a paisagem cultural é “modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”.

Assim, sendo a paisagem uma construção social, marcas da relação entre o homem e o meio, ela passa a ter valores patrimoniais a partir do momento em que é singular, em que as suas qualidades são únicas (ALMEIDA, 2006). No caso de sítios patrimoniais, a paisagem faz parte da compreensão dos significados culturais do lugar, pois a paisagem é um reflexo do processo de construção da identidade de um determinado grupo social com o espaço que o envolve.

Enquanto construção social, a paisagem é dinâmica e se molda a partir das relações entre o sujeito e o objeto. Em cada uma das quatro escalas que conformam Brasília esta relação se dá de forma particular, assumindo formas e uma vitalidades específicas. Seria a paisagem cultural de Brasília resultado dessas dinâmicas específicas de uso e ocupação presentes em cada escala?

Investigando essa questão, o objetivo deste trabalho é analisar de que modo as escalas refletem a paisagem de Brasília, e assim como são responsáveis pelas diferentes expressões urbanas da cidade. Busca analisar também as descaracterizações mais recorrentes em cada uma das escalas, as quais ameaçam a sua concepção original e vem transformando essa paisagem.

¹ O valor do conjunto urbanístico de Brasília foi, em diferentes momentos, reconhecido como patrimônio e isso se encontra materializado nos diferentes níveis de proteção que incidem sobre o Plano Piloto: no nível distrital, por meio do Decreto nº 10.829 de 14/10/ 1987, no federal com a Portaria nº 314 do SPHAN de 08/10/1992 e no global, sendo reconhecido como patrimônio da humanidade pela UNESCO (Inscrição nº 445 de 07/ 12/1987).



2 O PLANO PILOTO DE BRASÍLIA

A ideia de levar a capital do litoral para o interior do país é antiga, anterior mesmo à independência, mas apenas com o governo de Juscelino Kubitschek, na década de 50 do século XX, é que o projeto de construção de Brasília foi concretizado. Nas palavras de Mario Pedrosa, Brasília é muito mais do que urbanismo, é uma hipótese de reconstrução de todo um país. No entanto, ela faz parte de um velho sonho nacional (PEDROSA, 1981).

A construção de Brasília uniu o desenvolvimento tecnológico e econômico pelo qual o país estava passando com a necessidade de ocupação do cerrado e com o processo de construção de uma identidade nacional. Brasília firmou-se como elemento de integração nacional, como afirmou Vilanova Artigas: "Ontem, construíamos timidamente alguns edifícios; hoje, fazemos Brasília – uma cidade inteira – com argumentos nossos. De Casa em Casa, de Cidade em Cidade, ficais certos, ajudaremos a reconquistar o Brasil para os brasileiros" (ARTIGAS *apud* SEGAWA, 2002, p.122).

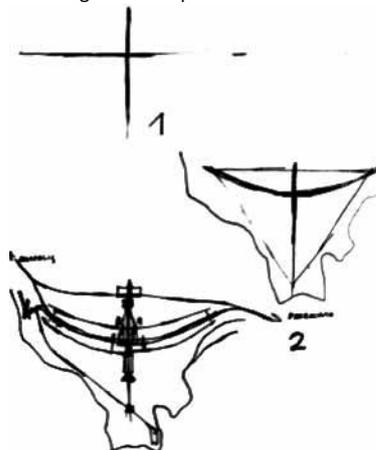
Em 1956, foi lançado o Concurso para a Nova Capital, e dele participaram 26 projetos. O projeto vencedor foi o do arquiteto e urbanista Lucio Costa. Nas palavras do júri do concurso, a proposta de Costa foi a "que melhor integra os elementos monumentais na vida quotidiana da cidade, como Capital Federal, apresentando numa composição coerente, racional, de essência urbana – uma obra de arte".

Em todas as propostas apresentadas ao júri havia uma semelhança na concepção projetual: todos partiam do pressuposto modernista que o racionalismo seria capaz de resolver as contradições sociais e econômicas da sociedade, juntamente com os problemas urbanos mais latentes. Assim, todos os projetos tinham em comum: a) divisão da cidade pelas funções consideradas básicas (habitação, trabalho, lazer); b) vias exclusivas para automóveis, a partir de um sistema de circulação hierarquizado, com vias expressas para evitar ao máximo os cruzamentos; e c) muitos vazios urbanos, fazendo composição com a baixa densidade construtiva (BICCA, 1985; KOHLSDORF, 1985; BASTOS e ZEIN, 2010).

O projeto de Costa se enquadra no "modelo" citado acima, afinal, é a concepção urbanística de uma época. No entanto, o projeto vencedor foi o único que propôs algo além dos cânones internacionais. Segundo a análise de Antônio Carpitero, o projeto de Lucio Costa está longe de seguir à risca os preceitos da Carta de Atenas, pois ele deu atenção a inúmeras soluções que destoam daqueles princípios, como a atenção dada à bacia hidrográfica e ao relevo, bem como à tradição arquitetônica trazida pelos portugueses (CARPITERO *apud* FREITAG, 2002).

A inovação da proposta de Lucio Costa foi o zoneamento da cidade a partir das diferentes interações humanas com o espaço. A cidade está dividida basicamente em três setores: de lazer e comércio, de moradia (com pequenos equipamentos urbanos) e o centro cívico-administrativo do país. A partir de dois eixos, que se cruzam inicialmente em ângulo reto, e depois um deles se arqueia para melhor adaptar-se a topografia, surge o traçado urbano da cidade (Figura 1).

Figura 1: Croquis de Lucio Costa



Fonte: Relatório do Plano Piloto.

No Relatório do Plano Piloto (1957), Lucio Costa ainda não utiliza o termo escala para o zoneamento que ele faz da cidade. Ele faz referência a diferentes setores: setores residenciais, setor central de diversões, setor bancário-comercial e setor municipal. Em 1987, Costa reavalia o processo de conservação e crescimento da cidade no documento Brasília Revisitada. Nele são pontuadas as características fundamentais do plano. Entre outras, aparece a noção de escala e a interação entre elas, a estrutura viária, a importância do paisagismo e a presença do céu.

Apesar de só ser apontado por Costa três décadas após a formulação do plano, o conceito de escala é um dos princípios norteadores do projeto. Escala é a relação de uma grandeza a partir de um referencial conhecido, está relacionado à proporção. Este conceito se reflete na concepção urbanística do plano através das relações entre o homem e o espaço construído.

A expressividade alcançada pelo projeto de Lucio Costa está na sutileza atingida pela interação entre as diversas dimensões urbanas presentes em Brasília, e como elas se relacionam com a paisagem do planalto central. Como afirma Lauande (2007), a topografia e a horizontalidade foram utilizadas como elementos de composição para os cenários e perspectivas, onde a cidade e a paisagem natural se fundem em uma magnífica compreensão de espírito de lugar. Em cada escala essa relação com a natureza se dá de uma forma particular, o que resulta em diferentes interações entre os espaços construídos e livres.

3 AS ESCALAS

O conjunto urbanístico de Brasília está, portanto, estruturado em quatro escalas, e cada uma delas possui características espaciais singulares, que conferem diferentes interações humanas. Para além de um conceito situado num plano abstrato, tornou-se também um conceito “operacional” quando as normas de preservação do conjunto urbano tombado foram pautadas na construção de parâmetros de uso e ocupação específicos para cada uma das escalas constituintes do Plano Piloto. É assim nas duas principais normas de preservação do conjunto urbanístico de Brasília, o Decreto nº 10.829 de 14/10/1987 (nível distrital) e a Portaria nº 314/1992 (nível federal), que regulamentam os tombamentos e definem regras gerais de preservação, como também será no Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico

de Brasília (PPCUB), em elaboração pelo Governo do Distrito Federal, que zoneia o conjunto tombado a partir de suas funções e dos atributos físicos relacionados às escalas urbanísticas.

Partindo para discussão sobre as particularidades de cada uma delas, iniciaremos pela **escala monumental**. Ela está configurada pelo eixo monumental, da Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti. A partir de uma grande esplanada estão dispostos os edifícios que abrigam a alma político-administrativa do país e do governo local, que representa a dimensão coletiva da cidade. A ocupação do solo na escala monumental é feita a partir de um eixo único, que tem claramente um foco que representa os três poderes do estado, ocupado por edifícios monumentais centralizados (Praça dos Três Poderes). A relação de proporção entre as áreas edificadas e as não edificadas, o contraste entre os extensos vazios urbanos e os imponentes edifícios, com excepcional qualidade artística, confere a monumentalidade do lugar.

A **escala residencial** organiza as residências multifamiliares através das superquadras, que são conjuntos de edifícios dispostos em lâminas, de gabarito uniforme de seis (nas superquadras 100, 200 e 300) e de 3 pavimentos (nas superquadras 400), suspensos por pilotis. A área térrea é de livre acesso aos pedestres, o que modifica a relação entre solo público e privado, comumente delimitado pelos muros das cidades tradicionais. Em Brasília, o lote deixa de existir, sendo substituído pelo mecanismo da projeção, o que torna factível a proposta dos pilotis livres. Os edifícios originalmente deveriam ser circundados por um cinturão verde de vinte metros, o que não é observado em todas as superquadras. A circulação de veículos e de pedestres é distinta. Quatro superquadras formam uma unidade de vizinhança, com comércio local e, em algumas delas, escola primária, igreja de bairro, e outros equipamentos de pequeno porte, conforme previu Lucio Costa. O eixo residencial representa o homem no nível individual de sua existência, onde ele pode viver com boa qualidade, possibilitando-o de usufruir, na forma plena, dos momentos de descanso e do convívio social mais íntimo (LAUANDE, 2007).

A **escala gregária** é formada pela interseção dos eixos monumental e rodoviário-residencial, sendo considerada o coração da cidade. Tem como principal elemento – e o que melhor sintetiza a sua função agregadora – a plataforma rodoviária, que integra simbolicamente o Plano Piloto com as cidades satélites. Nela encontram-se também os setores de diversões, comerciais, bancários, hoteleiros, médico-hospitalares, de autarquia e de rádio e televisão.

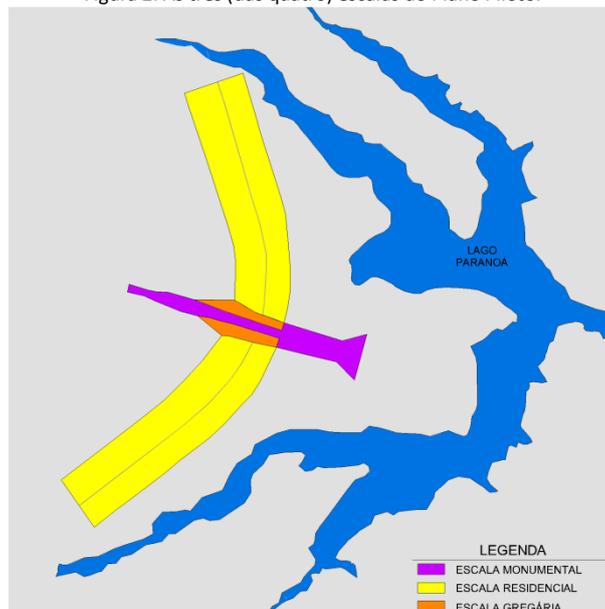
A escala bucólica está presente nos vazios urbanos e na densa massa vegetal que envolve a cidade, configurada em todas as áreas livres. Enquanto que as outras três escalas possuem uma clara definição espacial, com seus padrões de uso e ocupação do solo e gabaritos limitados, a escala bucólica possui uma expressão intangível, que permeia todas as outras. A escala bucólica é responsável pelo caráter de cidade-parque (BOTELHO, 2009), o que faz de Brasília uma cidade aberta, sem limites espaciais, um genuíno exemplo do espírito de época moderno. Nesta escala os vazios se tornam intencionais, ou seja, são vazios projetuais.

A importância do paisagismo, citado por Costa no Brasília Revisitada, é na verdade essa relação com a natureza que ele traz pra dentro da cidade: "na passagem sem transição do ocupado para o não ocupado em lugar de muralhas, a cidade se propôs delimitada por áreas livres arborizadas" (COSTA, 1987). E assim a escala bucólica está presente nas escalas do Plano Piloto de formas distintas: 1) através das densas áreas arborizadas que formam um cinturão verde em torno das superquadras; 2) com o paisagismo como elemento de composição e integração entre a arquitetura e outras artes (escultura, pintura, painéis), fazendo-se de elo entre o interior e o exterior dos edifícios; 3) como elemento de composição volumétrica a partir dos

cheios e vazios (áreas non aedificandi), como no caso do canteiro central do eixo monumental, que deve estar sempre gramado e não edificado; 4) com a presença do céu como "moldura" para os edifícios institucionais.

Assim, o vazio é o elemento paisagístico de coesão do Plano Piloto. Funciona como uma membrana de proteção, resguardando a cidade da expansão urbana, ao mesmo tempo em que gera uma compreensão de unidade, dentre as diferentes expressões urbanas da cidade.

Figura 2: As três (das quatro) escalas do Plano Piloto.



Fonte: Gabriela Azevêdo.

4 A PAISAGEM A PARTIR DAS ESCALAS

A configuração espacial de Brasília é o resultado da soma da configuração espacial de cada escala e, simultaneamente, da interação entre elas (Figura 3). Os espaços de cada escala, tendo características distintas, buscam, em um jogo de proporções e significações, se complementarem e interagirem (MONTE JUCÁ *apud* BOTELHO, 2009, p.88).

A diferença existente na morfologia urbana de cada escala é responsável pela paisagem multifacetada da cidade, que vai da dimensão cotidiana (*urbs*), presente na escala residencial, à dimensão simbólica (*civitas*), presente na escala monumental.

Os aspectos que definem a paisagem nas escalas são fundamentalmente três: os parâmetros urbanísticos (uso e ocupação do solo), a forma de implantação (afastamentos e a relação entre cheios e vazios) e as atividades realizadas no território. Apesar destes aspectos serem expressos em características materiais – alturas, volumes, proporções – eles possuem um caráter subjetivo, pois dizem respeito as dinâmicas urbanas da cidade.

A ESCALA MONUMENTAL

A vista ampla e desimpedida do eixo monumental, com a esplanada dos ministérios gramada e desocupada, o Congresso como ponto focal, e os edifícios ministeriais reforçando essa

perspectiva, é uma paisagem que reflete poder e soberania. Essa é a imagem que está mais presente na memória coletiva de visitantes ou moradores quando se faz referência ao Plano Piloto. Os recursos compositivos utilizados no eixo monumental, como a utilização das técnicas de terraplenos, a marcação de pontos focais e a precisão na localização dos edifícios, são responsáveis pelo caráter simbólico do lugar (Figura 3).

Figura 3. Esplanada dos Ministérios.



Fonte: Flaviana Lira

Estava previsto no Relatório do Plano Piloto que "a perspectiva de conjunto da esplanada deve prosseguir desimpedida até além da plataforma (rodoviária) onde os dois eixos urbanísticos se cruzam". Segundo análise de Paulo Bicca (1985), a perspectiva de Brasília é descendente do urbanismo haussmaniano, criador de uma *paisagem de eixos e perspectivas* que vão desembocar em edifícios monumentais.

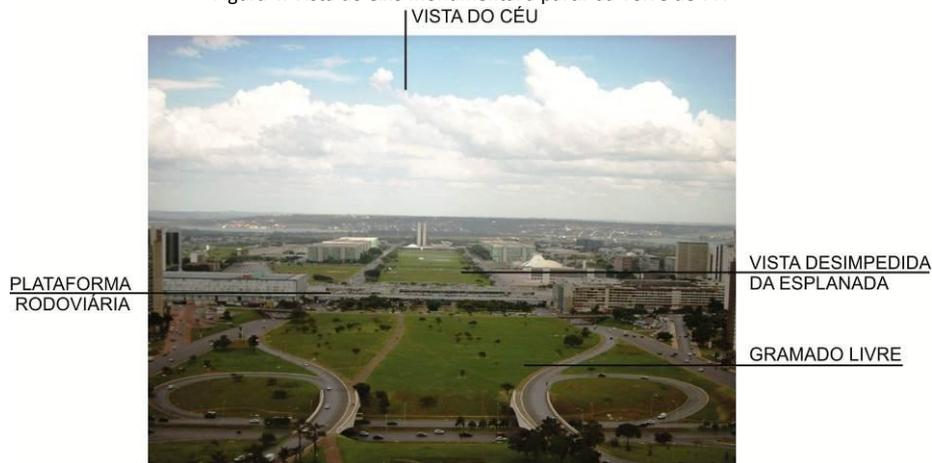
A presença do horizonte no eixo monumental como elemento de composição dessa paisagem cria a sensação de amplitude e vastidão, reforçando a monumentalidade dos edifícios governamentais (projeto de Oscar Niemeyer). Alguns autores consideram que o caráter simbólico ao qual chegou à proposta de Costa foi a uma das suas maiores contribuições à arquitetura e ao urbanismo modernos, retomando a questão simbólica para o cerne da arquitetura.

O comprometimento do caráter previsto por Lucio Costa nesta escala se dá pela criação de novos setores ou pela revisão do programa de setores existentes, criando construções que alteram a relação prevista entre os terraplenos e a visibilidade tanto do cerrado "agreste" ao fundo da Praça dos Três Poderes, como da linha do horizonte. Mais recentemente, a possibilidade de construção de estacionamentos subterrâneos no gramado da Esplanada dos Ministérios, projeto incluído no PPCUB (ainda em fase de aprovação), põe em risco a integridade desse elemento que se configura como a materialização da escala bucólica no conjunto monumental.

A forma como foi resolvida a questão viária, evitando os cruzamentos também tem ressonância na paisagem urbana de Brasília. Outro elemento fundamental para a composição da paisagem desse eixo é a torre de TV. A presença vertical da torre no meio de uma esplanada é o contraponto vertical do edifício do congresso, e além de ser um símbolo de comunicação e modernidade, seu mirante permite a fruição de diversos cenários da cidade.

O resultado desses diversos elementos significantes da paisagem do eixo monumental é de caráter cenográfico (Figura 4), que induz mais a contemplação e menos a experimentação do espaço. Essa paisagem é de certa forma estática, criada para ser apreciada como uma obra de arte.

Figura 4. Vista do eixo monumental a partir da Torre de TV.



Fonte: Flaviana Lira (marcação nossa).

A ESCALA RESIDENCIAL

A escala residencial, também chamada de escala doméstica, propicia uma relação de proximidade entre quem usufrui do espaço livre e o espaço construído. Esta relação é responsável pela nova maneira de viver, uma relação que resguarda a vida cotidiana do resto da cidade.

Isto acontece, pois, o eixo residencial representa o homem no nível individual de sua existência (LAUANDE, 2007), já que foi concebido a partir da escala humana. As superquadras procuram atender às formas de convívio, onde o homem pode viver com qualidade de vida, junto à natureza e perto de diversos serviços, sem necessitar percorrer longas distâncias para efetuar as atividades cotidianas.

A composição dos espaços na escala residencial resulta em uma paisagem fluida e permeável. A baixa densidade e a intensa presença do verde nas superquadras proporciona uma relação de maior proximidade do homem com a natureza, quebrando a dicotomia entre meio urbano e meio natural (Figuras 5 e 6). A proximidade nesses espaços entre pequenos equipamentos urbanos e edifícios residenciais reforça o sensação de pertencimento dentro das superquadras, gerando um sentimento de coletividade.

Figura 5: O verde na superquadra.



Fonte: Flaviana Lira.

Figura 6: Interior da superquadra.



Fonte: Flaviana Lira.

As ameaças que mais acometem essa paisagem são aquelas relacionadas às intervenções nos pilotis. Nas superquadras, o conceito de ocupação democrática das projeções dos prédios que permite a existência do “chão livre e acessível a todos através do uso generalizado dos pilotis” é subvertida de diversas formas. Intervenções por parte de moradores que impedem a permeabilidade plena das áreas livres dos pilotis são comuns nas Asas Sul e Norte. A utilização de grades, canteiros, e até mesmo dos pilotis como estacionamento fechado ferem conceitos essenciais ao Plano Piloto. A redução das áreas livres, seja pela supressão de parte dos cinturões verdes como pela construção de estacionamentos, tem sido recorrente.

A idealização do uso do espaço público por parte de todos aparece ainda nas quadras comerciais, onde uma das diretrizes era a facilidade da locomoção a pé, sem barreiras. Entretanto, os chamados “puxadinhos”² invadem áreas públicas, trazem a desconfiguração dos prédios e prejudicam a acessibilidade do fluxo dos transeuntes.

Além da possibilidade de legalização pelo Governo do Distrito Federal dos “puxadinhos”, a concepção e a ambiência dessa escala podem ser seriamente ameaçadas caso sejam aprovadas as propostas do PPCUB que prevêem a exploração privada das escolas públicas das superquadras, como também a concessão de uso para fins privados de equipamentos coletivos previsto por Lucio Costa para as entrequadras residenciais.

A ESCALA GREGÁRIA

Desenvolvida a partir da plataforma rodoviária, a escala gregária é o centro urbano de Brasília. Foi concebida para ser um local de agregação, com diversos setores reunidos para propiciar encontros e trocas – econômicas, sociais, afetivas, culturais, simbólicas (KOHLSDORF *apud* GOULART, 2009).

O caráter vertical dos edifícios, a alta densidade construtiva, e a predominância dos espaços edificados em relação aos espaços livres são os elementos que compõem a paisagem da escala gregária. A Plataforma Rodoviária, juntamente com os edifícios do Conjunto Nacional e do Conic, são as áreas nesta escala que mais se aproximam do previsto no Relatório do Plano Piloto: tanto no que diz respeito à forma (um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés), quanto à sua capacidade de agregação.

Por estar localizada na interseção dos dois eixos, muitos autores concordam que é na Plataforma Rodoviária (Figura 7) que melhor se manifesta a urbanidade de Brasília – milhares de pessoas que se apropriam do seu espaço diariamente. Desenvolvida em três níveis, a plataforma é edifício e espaço público simultaneamente.

Nas demais áreas e setores da escala gregária estas características não foram adotadas e a paisagem resultante é árida e desumana, apresentando espaços com grandes diferenças de níveis, sem relação com o entorno e extensas áreas ainda não ocupadas (Figura 8). O espaço público gerado é, assim, de baixa qualidade para o pedestre e prioriza claramente a circulação automotiva. Por estas razões, a escala gregária é a que mais se distancia da intenção original, não sendo capaz de se efetivar enquanto lugar de agregação e urbanidade.

² Aumento das áreas construídas dos lotes

Figura 7: Plataforma Rodoviária.



Fonte: Flaviana Lira.

Figura 8: Aridez na paisagem e extensas áreas desocupadas na escala gregária.



Fonte: Flaviana Lira

A ESCALA BUCÓLICA

A escala bucólica é a responsável por muitas das características das outras três escalas, pois faz a interação da paisagem natural com os elementos construídos, assim, ela pode ser encontrada nas diferentes fisionomias da paisagem das outras escalas.

Além da interação com os elementos construídos, pode-se dizer que esta escala é a que possui forte ligação com as relações humanas, pois propicia atividades de lazer e passeio – nos parques, praças e na orla do lago (Figura 9). A escala bucólica, de acordo com a fisionomia em que aparece, funciona tanto para dispersar pessoas como para concentrar. As paisagens desta escala que têm forte caráter concentrador são encontradas no interior das superquadras, enquanto que no eixo monumental, possui caráter dispersor, que enaltece o valor de monumentalidade.

Também nesta escala, as descaracterizações são evidentes tanto na intensa ocupação indevida da orla do Lago Paranoá, que rompem as chances de livre acesso ao espelho d'água, como na apropriação indevida de áreas *non aedificandi* como estacionamento.

Figura 9: Lago Paranoá, um dos elementos da escala bucólica.



Fonte: Flaviana Lira

O mercado imobiliário do Distrito Federal, responsável por intenso processo de verticalização do entorno, tem posto em ameaça a vista livre do horizonte. A UNESCO, entendendo a importância do céu e da vista livre para a concepção de Brasília, exigiu a definição de uma poligonal de entorno que garantisse a vista desimpedida da bacia do Paranoá. Em resposta a este pedido, o IPHAN publicou a Portaria nº 68/2012, que visa garantir: “a leitura do traçado e a preservação do espírito, concepção e ambiência do Plano Piloto; a visibilidade do horizonte a

partir da área tombada; visibilidade do Plano Piloto a partir dos mirantes naturais existentes na cumeada da Bacia do Lago Paranoá” (IPHAN, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto da cidade de Brasília poderia ter sido apenas o projeto de *mais* uma cidade, ou tão somente uma resposta às necessidades da época – renovação das configurações sociais e urbanas brasileiras, heranças do passado colonial. Lucio Costa foi muito além das exigências do Relatório do Plano Piloto, pois repensou a arquitetura, o urbanismo e a paisagem urbana a partir das diferentes interações humanas com a cidade e com a natureza circundante. A concepção espacial do Plano Piloto é, na verdade, a tradução de diversas relações sociais, consideradas por Lucio Costa como uma forma de viver, de habitar, e de referenciar o estado nacional.

Da mesma forma que se observa diferenciação das características das paisagens e das relações humanas, pode-se perceber que a apropriação dos espaços das escalas é determinante para o processo de conservação ou degradação do espaço. Isto porque a paisagem se realiza, também, por meio de evocações afetivas e simbólicas (MONTE JUCÁ, 2009).

Este trabalho apresentou o entendimento das escalas urbanas como processos responsáveis pela expressão urbana da cidade, buscando mostrar como esse caráter complexo e dinâmico da paisagem do Plano Piloto precisa ser refletido no seu corpo normativo e no seu planejamento.

A partir do que foi abordado, surgem questionamentos a respeito da conservação deste sítio, único conjunto urbanístico contemporâneo tombado até o momento pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. Se muitas das características fundamentais do Plano Piloto estão refletidas nos aspectos imateriais, nas dinâmicas urbanas e percepções espaciais, como conservá-las? Se a mudança é algo inerente à paisagem, como conciliar conservação com transformação? Este artigo não pretendeu esgotar o assunto e nem chegar a respostas para essas questões, esperou-se, com esta discussão, lançar um olhar crítico sobre o planejamento da cidade em seus diversos níveis, considerando sua complexidade enquanto artefato vivo e dinâmico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. Paisagens: um património e um recurso. In: Jacinto, R. & Bento, V. *O interior raiano do Centro de Portugal*. Outras fronteiras, novos intercâmbios. Campo das Letras, 2006, pp. 31-42.
- BASTOS, M. A. J. & Zein, R. V. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BICCA, Paulo. Brasília: mitos e realidades. In: *Brasília, Ideologia e Realidade – Espaço Urbano em Questão*. Paviani, Aldo (org.) São Paulo: Editora Projeto/CNPq, 1985.
- BOTELHO, L. A. O princípio das escalas no plano urbanístico de Brasília: sentido e valor além de proporção. In: *Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro*. Francisco Leitão (org.) Brasília: Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – GDF, 2009.
- CABRAL DE ARRUDA P. *Brasília: marcas identitárias sobre a cidade, marcas urbanas sobre a identidade*. In: RITA, n°1, 2008. Disponível em: <www.revue-rita.com/content/view/24/52>
- COSTA, L. 1987. *Brasília Revisitada*. Brasília: Diário Oficial do Distrito Federal – Decreto Nº 10.829. Disponível em: <www.sehab.df.gov.br>.



- COSTA, L. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. GDF. 1957. Secretaria de Habitação, Regularização e Desenvolvimento Urbano – SEDAB. Disponível em: <www.sehab.df.gov.br>.
- FREITAG, B. *Utopias Urbanas*. Conferência para o encerramento do X Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, em setembro de 2001, em Fortaleza. Disponível em: <sites.unb.br/ics/sol/itinerancias/index.html>
- GDF. 2012: *Ano de Valorização do Patrimônio Cultural da Humanidade. 2012. Governo do Distrito Federal, SEDHAB*. Disponível em: <www.brasiliapatrimoniadahumanidade.df.gov.br>
- GDF. *Editais para o Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil*. 1956. Arquivo Público do Distrito Federal. Disponível em: <concursosdeprojeto.org/2010/04/21/concurso-brasilia>
- GOROVITZ, Matheus. *Brasília, uma questão de escala*. São Paulo: Projeto, 1985.
- GOULART, M. G. & LEITÃO, F. Escala gregária. In: *Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro*. Francisco Leitão (org.) Brasília: Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – GDF, 2009.
- GUSMÃO, C. Escala bucólica: os três mosqueteiros são quatro. In: *Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro*. Francisco Leitão (org.) Brasília: Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – GDF, 2009.
- HOLANDA, Frederico de. Frederico de Holanda analisa as transformações por que passou Brasília nos últimos 50 anos. *Revista AU*. Edição 192, 2010.
- ICOMOS. *Carta de Bagé*. 2007. Disponível em: <www.icomos.org.br>
- IPHAN. *Portaria Nº 68*. 2012. Disponível em: <www.iphan.gov.br>
- IPHAN – MinC. *Plano Piloto 50 anos: Cartilha de Preservação de Brasília*. Brasília: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010.
- IPHAN. *Portaria Nº 314*. 1992. Disponível em: <www.iphan.gov.br>
- KOHLSDORF, M. E. As imagens de Brasília. In: *Brasília, Ideologia e Realidade – Espaço Urbano em Questão*. Paviani, Aldo (org.) São Paulo: Editora Projeto/CNPq, 1985.
- LAUANDE, F. *O projeto para o Plano-piloto e o pensamento de Lúcio Costa*. 2007. Disponível em: <www.vitruvius.com.br>
- MACHADO, M. Escala residencial: superquadra – pensamento e prática urbanística. In: *Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro*. Francisco Leitão (org.) Brasília: Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – GDF, 2009.
- MARQUEZ, M. & JÚNIOR, A. M. Escala monumental. In: *Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro*. Francisco Leitão (org.) Brasília: Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – GDF, 2009.
- MENESES, U. A paisagem como fato cultural. In: *Turismo e paisagem*. Eduardo Yázigi (Org). São Paulo: Contexto, 2002.
- Ministérios do Turismo. *Guia Turístico de Brasília*. Brasília e Região – Convention & Visitors Bureau (BRC&VB). Disponível em: <www.brasiliaconvention.com.br>
- MONTE JUCÁ, J. Realidades e potencialidades das paisagens de Brasília. In: *Brasília 1960 2010: passado, presente e futuro*. Francisco Leitão (org.) Brasília: Secretaria de Estado e Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – GDF, 2009.
- PEDROSA, M. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SEGRE, R. & BARKI, J. Oscar Niemeyer e Lucio Costa: a genealogia do edifício do Congresso Nacional. *AU – Arquitetura e Urbanismo*. Nº 192, 2010.
- UNESCO. *World Heritage Cultural Landscapes: A Handbook for Conservation and Management*. 2009. Nora Mitchell, Mechtild Rossler & Pierre-Marie Tricaud (ed.). World Heritage Papers 26.